

# O PIETISMO E SUA INFLUÊNCIA NA VIDA E NA IGREJA CRISTÃ

**August Hermann Francke (1663 - 1727)**

## **A questão missiológica**

O desenvolvimento posterior da Reforma foi antes mais um retrocesso do que um avanço para a missiologia. A formação das igrejas territoriais e a própria teologia da predestinação concebida por Lutero e mais tarde reforçada em Calvino, impediram a formação de uma consciência missionária onde o outro fosse relacionado também na perspectiva da salvação. Na verdade, segundo o entendimento que se formou nesse momento, a partir do surgimento das igrejas territoriais, as fronteiras que separam os eleitos dos condenados se estabeleceram nitidamente tornando-se desnecessária qualquer iniciativa no sentido de se reverter essa situação. As populações situadas fora do âmbito das igrejas evangélicas ou reformadas sem dúvida alguma estavam condenadas. As próprias guerras religiosas contribuíram para a amortização desse movimento uma vez que nos países majoritariamente católicos como a França, as comunidades protestantes foram praticamente dizimadas, sem terem tido a oportunidade de se empenharem num esforço evangelístico-missionário dessa monta. Desse modo, o início de um movimento missionário no âmbito estritamente protestante só terá seu ponto de partida no século XVIII com os pietistas. Na verdade, é simplesmente impossível se falar numa missiologia ou teologia da missão sem considerar o papel exercido pelos pietistas, primeiro sob Francke, e depois sob o conde Zinzendorf.

**FRANCKE** August Hermann – Nasceu em Lübeck em 22 de março de 1663 e morreu em Halle-sobre-Saale em 08 de junho de 1727. Procedente de uma família burguesa influente, iniciou os estudos no ginásio de Gotha, ingressando depois nos cursos de Teologia das universidades de Erfurt e Kiel sendo que nessa última foi poderosamente influenciado por Christian Kortold (1632 – 1694), oriundo do círculo pietista de Rostock, em cuja universidade lecionou, e que era também amigo de Spener. Posteriormente seguiu para Leipzig para estudar hebraico e grego, graduando-se em 1685 sendo então nomeado privatdozent (livre docente); segue então para Hamburgo, onde se constituía ao longo do século XVII vários centros de estudos de línguas bíblicas, a fim prosseguir suas pesquisas exegéticas e ali funda o Collegium Philobiblicum, um centro de estudos bíblicos onde a pesquisa exegética era aplicada imediatamente à realidade prática da vida cristã e da rotina

eclesiástica. Designado cura em Lüneburg, entrou em conflito com seu superintendente KH Sandhagen, deixando suas funções para, mais uma vez, retornar a Hamburgo onde trabalha como professor de uma escola privada, ao mesmo tempo em que conhece e se torna amigo de Nikolaus Lange. Em 1687 vai a Dresden conhecer o próprio Spener que nessa época era pregador da corte Wettin da Saxônia e desse contato volta completamente transformado. Retoma as atividades do Collegium Philobiblicum, agora instalado em Leipzig, granjeando reputação imensa como professor mas também despertando a ira das autoridades eclesiásticas que censuram tanto a metodologia inovadora que ele aplica quanto também o seu pietismo que ele assume sem peias. Proibido de lecionar em Leipzig em 1690, Francke aceita ser pároco em Erfurt e logo sua pregação inflamada começa a atrair multidões, inclusive de católicos, o que enseja uma reação violenta do clero ortodoxo que em 27 de setembro de 1691 dá a Francke 48 horas para deixar a cidade. A sua expulsão de Erfurt, que coincide com a saída de Spener de Dresden, solidifica ainda mais as ligações de amizade entre os dois além de confirmar o prestígio de Francke como líder do pietismo alemão apenas abaixo do próprio Spener. Em 1694 os dois decidem criar uma instituição de ensino destinada a promover a formação de um quadro de pastores e professores que lecionassem a teologia dentro dos cânones pietistas e para erigir a nova instituição foi escolhida a cidade de Halle, situada no território de Brandemburgo onde o príncipe eleitor Friedrich III protegia totalmente os pietistas. Francke é designado livre docente de grego e ao mesmo tempo, assume a paróquia de Glaucha, localidade situadas nas imediações de Halle. Daí para frente toda vida de Francke se ligará completamente àquela cidade aonde viverá e de cuja vida social participará intensamente. Comovido pela situação de miséria e abandono dos órfãos, consegue, por meio de subscrições públicas, criar um orfanato em 1695 e, em 1698, uma escola de artes e ofícios e um internato para as meninas que dentro em pouco atendiam mais de 500 crianças pensionistas e que após a morte de Francke se reuniram num só educandário com o nome de Organizações Francke. Nomeado em 1698 professor de Teologia em Halle aonde já exercia a cadeira de Filosofia, nos anos seguintes passa a se envolver também com projetos missionários chegando a conseguir, em 1706, o apoio do governo dinamarquês para o envio de missionários à Índia. A Missão Halle-Dinamarca, assim constituída enviou os alemães Heinrich Plutschau (1677 – 1747) e Bartholomäus Ziegenbalg (1682 – 1716) para missionar em Tranquebar e com essa experiência praticamente se inicia o movimento missionário no meio evangélico escandalosamente desprezado pela Reforma nos primeiros séculos. O trabalho de Francke no magistério acadêmico em Halle, suas ações filantrópicas no educandário e suas iniciativas missioneiras na Missão Halle-Dinamarca converteram essa cidade, após a sua morte em 1727, na capital espiritual do pietismo por quase dois séculos.

**ZINZENDORF** Nicolaus Ludwig von, conde de Zinzendorf, senhor de Zinzendorf e Potendorff – nasceu em Dresden em 26 de maio de 1700 e morreu em Hernhut em 09 de maio de 1760. Pertencente a uma família da nobreza oriunda da Alta Áustria que se exilara em Nuremberg durante a Reforma, antes de se instalar na Saxônia, Zinzendorff perdeu o pai com apenas algumas semanas de vida, vindo a ser criado então por sua avó Catarina von Gersdorf, discípula de Spener (o próprio Spener realiza seu batismo na Igreja Luterana) e que se encarregará de toda a sua educação espiritual e moral. Estuda em Halle com Francke e em 1716 segue para Wittenberg para estudar Direito com vistas à carreira diplomática, percorrendo depois do curso a França, Holanda e outros principados alemães e se detendo no exame da situação religiosa que encontrava. Depois de viver por algum tempo em Cassel, onde o dominava o calvinismo e em Oldenburg, retorna à Saxônia onde se instala como proprietário de terras em Bethelsdorf e se casando com a condessa Erdmuth Dorothea Reuss-Ebersdorf, decidido a colocar em prática as idéias de Spener sobre os Collegia Pietatis. Sua intenção inicial parece ter sido constituir uma espécie de associação cristã mas mudou de idéia quando começou a receber refugiados da União dos Irmãos (Ultraquistas), oriundos principalmente da Boêmia e da Morávia e que tinham sido despejados de suas terras pelo arcebispo de Salzburgo, recebendo asilo na Saxônia. Uma parte deles, entre os quais muitos calvinistas, se instalou em Bethelsdorf onde Zinzendorf depois de passar muitas dificuldades em conseguir estabelecer uma relação harmoniosa e familiar naquele núcleo tão diversificado, conseguiu moldar a comunidade que passou a ser então conhecida como Hernhut (guardião do Senhor). A expulsão de Zinzendorf da Saxônia, em 1736, solidificou ainda mais a união daquele grupo que pelas suas origens passou a ser conhecido como Os Irmãos Morávios, ao mesmo tempo em que seu chefe, depois de ordenado bispo da nova comunidade pela igreja luterana, acendia ao plano internacional pela sua organização calcada na piedade militante e no amor afetivo que constituía segmentos tão distintos numa só comunidade. Em poucos anos a comunidade de Hernhut se tornou uma referência modelo de vida comunitária cristã atraindo a atenção de Wesley que visitou o local em 1738, quando conheceu o próprio Zinzendorf. Ao mesmo tempo, os hinários dos morávios e os livros das senhas diárias de Hernhut começaram a ser publicados amplamente e desse modo ficou garantida a base de sustentação financeira da comunidade. Em 1740 Zinzendorf vai à Nova Inglaterra ao mesmo tempo em que se esforça para renovar o convênio com o governo dinamarquês para o envio de missionários por meio da Missão Halle-Dinamarca. De Hernhut saem missionários para os Inuit da Groenlândia e os escravos negros das Antilhas Dinamarquesas, Livônia, na costa báltica, Carolina do Sul, Suriname, Tranquebar e Nicobar nas Índias Orientais, Egito (coptas) e costa leste canadense e com isso o empreendimento missionário iniciado por Francke se encontra agora definitivamente assegurado.

Como diz Luiz Longuini Neto, os morávios efetivamente impulsionaram e influenciaram o movimento missionário, impregnando-o de marcas indelevelmente pietistas [1].

### **O conde Zinzendorf (1700 - 1760)**

No que concerne a teologia, as posições de Zinzendorf são bastante confusas. Ele permanece na igreja luterana, inclusive na condição de bispo territorial e o protocolo da comunidade redigido em 1729 faz menções aos dois catecismos de Lutero. Mas por outro lado, as influências dos ramos morávio e calvinista fazem com que tanto a ética reformada como a doutrina da dupla predestinação sejam aceitos quase integralmente. *Na verdade*, como demonstrou depois Max Weber, *Zinzendorf seguia os puritanos ao expressar a John Wesley a opinião de que mesmo que o homem não possa fazê-lo por si, os outros podem reconhecer seu estado de graça pela sua conduta* [2]. Por outro lado, seu misticismo singular, especialmente sua contemplação das chagas de Cristo e a interação de sua teologia com temas como a sexualidade, causaram certo descompasso na época, embora o reformador deixasse bem claro que sua conotação sexual dizia respeito exclusivamente à santificação dessa união implícita no relacionamento matrimonial. Essas nuances no seu pensamento teológico é que impediram que Wesley absorvesse integralmente as influências pietistas pelo ramo do conde, como será visto mais detidamente em seguida.

Em 1750, em virtude da enormidade de despesas assumidas para a manutenção da comunidade e que quase o levaram à falência, Zinzendorf foi obrigado a transferir a gestão de Hernhut para um conselho privado que dali para frente administraria os fundos da organização. A morte do filho Christian Renatus em 1752, e de sua esposa Dorothea quatro anos depois abalaria ainda mais a sua saúde levando-o à morte repentina em 09 de maio de 1760, após o que Johannes von Wateville assumiu as funções de bispo de Hernhut.

### **Wesley e o Pietismo.**

Wesley foi decerto profundamente influenciado pelo pietismo e seria perda de tempo dizer o contrário. Os primeiros contatos de Wesley com os pietistas se deram por ocasião de sua viagem missionária à Geórgia, quando estabeleceu relações com o bispo David Nitschemann e com o pastor Spagenberg, que já estava em Savannah [3]. Mais tarde assimilou o plano eclesiástico de Zinzendorf para a reforma da igreja, que este por sua vez havia recebido de Spener [4]. Os próprios *Collegia Pietatis* de Spener representam a raiz de suas futuras sociedades. Por fim, em 1738, logo depois do seu retorno à Inglaterra e à sua experiência de conversão de Aldersgate, Wesley viajou à Saxônia onde estabeleceu

contato com o próprio Zinzendorf [5]. Como diz Paul Eugene Buyers que descreve os pietistas alemães Spener, Francke e Zinzendorf como místicos, é inegável a influência dos pietistas sobre o reformador inglês. *A base do Misticismo e a do Metodismo é uma experiência espiritual e pessoal. E a doutrina da segurança não está muito longe da "luz interior" dos místicos. Ambos dão importância à certeza espiritual. Igualmente o Metodismo insiste em que a conversão é baseada sobre uma faculdade superior à da razão* [6].

Contudo, a despeito das profundas influências recebidas por Wesley e pelo Metodismo nascente, da parte dos pietistas alemães, é todavia impossível dizer que tais influências foram de algum modo perenes ou que foram recebidas incondicionalmente. Na verdade, é possível mesmo dizer que o pietismo de Zinzendorf está tão distante do metodismo quanto o arminianismo wesleyano do calvinismo presbiteriano, não só no que concerne ao calvinismo em si, mas também ao perfeccionismo, o antinomismo e o exacerbado misticismo que tornam o pensamento teológico de Zinzendorf tão particularizado, inclusive em relação ao do próprio Spener [7].

O próprio Wesley expôs algumas diferenças entre seu pensamento teológico e o da comunidade dos morávios que a essa altura (1740) se encontrava tomada da poderosa influência da teologia mística das chagas de Cristo que Zinzendorf vinha ensinando e divulgando por toda parte. Antinomismo, perfeccionismo e predestinacionismo foram alguns dos elementos divergentes encontrados.. *Eles afirmam, lembra Wesley em seu diário (22 de junho de 1740), que todos nós ainda estamos enganados; que não temos fé alguma; que a fé não admite graus e, portanto, que fé pequena não é fé nenhuma; que ninguém é justificado antes de ter um coração limpo e de ser impassível de dúvidas e temores. Afirmam também que não há nenhum outro mandamento no Novo Testamento a não ser "crer". Com este, não há nenhum outro dever, e que, quando um homem crê, não está obrigado a fazer nenhuma outra coisa que ali se ordena; particularizando: o que não está sujeito a nenhuma ordenança, o que quer dizer (segundo a explicação deles mesmos) que não tem o dever de orar, nem de transmitir, ler ou ouvir as Escrituras; mas pode fazer uso dessas coisas ou não (sem estar escravizado), segundo a liberdade que se acha em seu coração* [8].

Idéias como essas eram cridas como axiomas de fé por Zinzendorf que no tenso colóquio que tivera com Wesley na Associação de advogados Gray, em 03 de setembro de 1741, as expusera com sua costumeira exaltação:

WESLEY – Fiquei com medo que [os morávios] ensinassem coisas erradas, primeiro sobre a meta da nossa fé nesta vida, isto é, sobre a perfeição cristã, e depois aquilo que em nossa fé chamamos de meios de graça.

ZINZENDORF – Não reconheço nenhuma perfeição inerente nesta

vida. Este é o erro dos erros, que combato no mundo inteiro a ferro e fogo, que persigo e desejo exterminar. Só Cristo é a nossa perfeição. Quem ensinar uma perfeição inerente está negando Cristo

WESLEY – Mas eu creio que o Espírito Santo cria a perfeição nos verdadeiros cristãos.

ZINZENDORF – De modo algum. Toda nossa perfeição está em Cristo. Toda perfeição consiste em confiar no sangue de Cristo. Toda perfeição cristã é imputada, não inerente. Somos perfeitos em Cristo. Nunca em nós mesmos.

WESLEY – Estamos discutindo, parece-me, em torno de palavras. Não é, porventura, santo todo aquele que crê verdadeiramente?

ZINZENDOR – Decerto, mas um santo em Cristo, não em si.

WESLEY – Mas ele não vive santamente?

ZINZENDORF – Sim, vive santamente em tudo.

WESLEY – E porventura não tem um coração puro?

ZINZENDORF – Absolutamente certo.

WESLEY – Então, por conseguinte, não é santo em si?

ZINZENDORF – Não, não, só em Cristo. Não santo em si. Ele não tem absolutamente nenhuma santidade em si.

WESLEY – Ele não possui em seu coração o amor a Deus e ao próximo, ou mesmo toda imagem de Deus?

ZINZENDORF – Tem. Mas isso é a santidade legal, não a evangélica. A santidade evangélica é a fé.

WESLEY – Nossa disputa é toda em torno de palavras. Concordas que todo o coração do crente e toda sua vida é santa; ele ama a Deus de todo o coração e o serve com todas as suas forças. Mais do que isso também não exijo. Por “perfeição ou santidade cristã” não entendo outra coisa.

ZINZENDORF – Mas essa não é a santidade dele. Ele não é mais santo se ama mais, nem é menos se ama menos.

WESLEY – O quê? Porventura o crente que cresce no amor não cresce também na santidade?

ZINZENDORF – De forma alguma. No momento em que é santificado, ele é santificado inteiramente. A seguir, até a morte, ele não é nem mais santo, nem menos santo.

WESLEY - Então, o pai em Cristo não é mais santo do que uma criança recém-nascida?

ZINZENDORF – Não. A santificação e a justificação são totais no mesmo instante. Nenhuma recebe mais ou recebe menos.

WESLEY - Então, o verdadeiro crente não cresce dia por dia no amor de Deus? Será que ele já perfeito no amor no mesmo instante em que é justificado?

ZINZENDORF – É. Ele nunca cresce no amor a Deus. Ama totalmente neste momento, assim como é totalmente santificado.

WESLEY – Então, o que é que o apóstolo Paulo quer dizer por “nos renovamos dia por dia”?

ZINZENDORF – Direi. O chumbo, quando é transformado em ouro, e ouro no primeiro, no segundo e no terceiro dia. Assim ele é renovado no primeiro, no segundo e no terceiro dia. Mas nunca ele é mais ouro do que no primeiro dia.

WESLEY – Julguei que se devia crer na graça!

ZINZENDORF – De certo. Mas não na santidade. Pois logo que alguém é justificado, o Pai, o Filho e o Espírito Santo habitam em seu coração. E neste momento, seu coração é puro como sempre será. Uma criança em Cristo é igualmente pura como um pai em Cristo. Não existe diferença.

WESLEY – Porventura os apóstolos não eram justificados antes da morte de Cristo?

ZINZENDORF – Eram.

WESLEY – Porventura eles não eram mais santos depois do dia de Pentecostes do que antes da morte de Cristo?

ZINZENDORF – De modo algum.

WESLEY – Porventura eles não se encheram do Espírito Santo naquele dia?

ZINZENDORF – Sim. Mas este dom do Espírito Santo não diz respeito à santidade própria deles. Era apenas um dom de milagres.

WESLEY – Talvez eu não esteja te entendendo. Quando renegamos a nós mesmos, não morremos cada vez mais para o mundo e vivemos para Deus?

ZINZENDORF – Rejeitamos toda abnegação. Pisamo-la com os pés. Como crentes, fazemos tudo quanto queremos e nada mais. Zombamos de toda mortificação. Nenhuma purificação precede o perfeito amor.

WESLEY – Vou refletir, com a ajuda de Deus, sobre o que disseste  
**[9]**

Esse tipo de antinomismo foi um dos flagelos do nascente movimento metodista embora praticamente ao longo de seu ministério Wesley tenha encontrado discípulos mais ou menos exaltados do conde. Como diz Buyers, Wesley considerou o Misticismo um inimigo do Cristianismo puro. Não podia tolerar o "entusiasmo" dos morávios e o seu "quietismo", porque tendiam para o "Antinomianismo"**[10]**. A absorção das influências do pietismo moraviano pelo nascente metodismo se circunscreveu à eclesiologia, ao passo que sua teologia excêntrica, mista de antinomismo, calvinismo e perfeccionismo foi repelida totalmente.

O misticismo de Zinzendorf e dos seus discípulos motivou Wesley a se posicionar publicamente acerca daquela teologia. O sermão Sobre o Pecado dos Crentes, de 1763, baseado em 2 Coríntios 5.17 é decorrente desses esforços. Reflete sobre a significação de pecado na consciência do crente e até que ponto aquele que crê em Cristo e peca está destituído da salvação. *Subsiste pecado em alguém que Nele crê? Existe qualquer pecado naqueles que são nascidos de Deus? Que ninguém imagine que esta seja uma questão de mera curiosidade, ou que pouco importa se for respondida de uma forma ou de outra. Ao contrário, é uma questão da maior importância para todo cristão sério, e cuja resposta concerne muito de perto sua felicidade presente e futura.* **[11]**. Wesley lembra que o testemunho de fé bíblico e histórico da Igreja aponta para o reconhecimento da inclinação maléfica do ser humano que permanece mesmo entre aqueles que estão regenerados. **[12]**. E Wesley ainda lembra que esse testemunho não era apenas o parecer da Igreja Anglicana da Inglaterra, mas que estava presente também na Igreja Ortodoxa, em todas as igrejas protestantes européias e mesmo no próprio catolicismo romano. *Foi em decorrência desse problema que muitos homens bem intencionados, em particular aqueles que seguiam o finado Zinzendorf caíram num outro [erro], afirmando que todo o verdadeiro crente é salvo não só do domínio do pecado, mas da existência [neles] de pecado interior bem como exterior, de modo que o pecado não mais subsiste nele* **[13]**. Para Wesley aquele que comete os pecados exteriores não poderia ser classificado nesse grupo porque a prática de tais coisas revelava que seu praticante

realmente procedia do diabo e que aquele que nasce de Deus não comete pecado algum. *Perguntamos apenas: um homem regenerado é liberto de todo pecado no seu coração? Não haverá nunca mais pecado em seu coração a não ser que venha a cair da graça?* [14] Da mesma forma, diz Wesley:

*Que a colocação "não há nenhum pecado no crente, nenhuma mente carnal, nenhuma tendência à apostasia" é contrária à palavra de Deus, também o é a experiência dos filhos de Deus. Estes continuamente sentem um coração propenso à apostasia, uma tendência natural para o mal, um pendor para deixar Deus e apegar-se às coisas da terra. Diariamente são cômnicos do pecado que permanece no coração como orgulho, obstinação, incredulidade, e do pecado presente em tudo o que falam e fazem mesmo seus melhores atos e seus serviços mais santos. Todavia, ao mesmo tempo "sabem que são de Deus" (1 João 5.19), não podem por um momento sequer duvidar disso. Sentem seu Espírito claramente "testificando com seu espírito que são filhos de Deus" (Rm 8.16). Eles "se gloriam em Deus por Jesus Cristo, por intermédio de quem acaba agora de receber a reconciliação" (Rm 5.11). Assim, eles estão certos de que, ao mesmo tempo, existe neles o pecado e que "Cristo está neles – a esperança da glória" (Cl 1.27). [15]*

De qualquer forma, porém, é inegável que a ênfase na regulação da vida cotidiana (trabalho, descanso, culto), abriu caminho para que o Metodismo, refletindo o que aconteceu com o próprio Pietismo na Alemanha, se tornasse um movimento característico de uma sociedade emergente como o mundo novo das fábricas, envolvida dentro de sua dinâmica, mas também, por meio da insistente pregação de Wesley de renúncia ao mundo, desafiando a todo o instante aquilo que Moltmann chama de a *razão instrumental da sociedade industrial* [16]. Nesse sentido, a influência do pietismo alemão sobre o metodismo, embora perene, está permanentemente restrita ao âmbito da eclesiologia sendo seu misticismo tão completamente rejeitado quanto o calvinismo de Withefield.

### **O pietismo racionalista**

O desafio imposto pelo deísmo e pelo iluminismo no século XVIII causou uma bifurcação natural no movimento pietista com os mais devotos e espirituais enveredando para posições dogmáticas muito similares às da ortodoxia, enquanto os racionalistas optaram pelo enfrentamento direto dos desafios impostos pelo ceticismo do século das luzes, inclusive no terreno da crítica textual e com amplo municiamento de material filosófico. Nesse momento os dois principais nomes do pietismo são sem dúvida Johann Bengel e Friedrich Schleiermacher.

**BENDEL** Johann Albrecht. Nasceu em Winnenden, Württemberg, em 24 de julho de 1687 e morreu em Stuttgart em 02 de novembro de 1752. Filho de um pastor morto em tenra idade, foi criado pelo seu preceptor Wendelin David Spindler em Marbach. Viveu uma infância em constante deslocamento em virtude da Guerra da Liga de Augsburgo (1689 – 1697) entre a França de um lado e Áustria, a Inglaterra, Holanda e grande parte dos príncipes alemães do outro, e que teve como principal campo de batalha o sul da Alemanha. De 1693 a 1699 foi obrigado a fugir para Stuttgart em decorrência da invasão francesa ao sul do Württemberg, e com a ocupação da própria Stuttgart, acaba se refugiando com a família do seu preceptor em Schorndorff. Com o fim da guerra estuda no Ginásio de Württemberg ingressando logo a seguir na faculdade de Teologia da universidade de Tübingen, onde se destaca principalmente como leitor e estudioso da obra do filósofo judeu holandês Baruch Spinoza (1632 – 1677). Lá conhece também os clássicos pietistas, especialmente Spener e passa a ter contato com Francke com quem finalmente se encontra em 1713 e que será uma influência poderosa tanto moral quanto intelectual. Ordenado pastor em 1707, é designado para Metzingen-unter-Urach e em 1713 assume a direção do seminário de Denkendorf com o objetivo de preparar os candidatos ao ministério da igreja. Antes, porém, de assumir suas funções, Bengel empreendeu uma viagem pelo sul da Alemanha a fim de examinar as instituições de ensino já existentes e ver o que se poderia aproveitar de melhor em cada uma delas, visitando Heidelberg e Halle e mesmo instituições católicas dirigidas pelos jesuítas. Nessa primeira cidade trava contato com os escritos de Gerhardt von Maastricht que nesse momento começava a estabelecer os cânones da ciência da crítica textual, que Bengel retomará durante os anos em que estiver na direção do seminário de Denkendorf (1713 – 1741). Nomeado superintendente em Herbrechtingen (1741 – 1749) e membro conselheiro do consistório em Alpirpsach, passa nesse momento a residir na capital, Stuttgart. Contudo, as dificuldades de relacionamento com o príncipe eleitor do Württemberg, católico, como a maior parte da população do principado, representou uma fonte de constantes aborrecimentos para Bengel que em 1751 renunciou a essas funções para assumir uma cadeira de teologia em Tübingen. Nos últimos anos, em virtude do progressivo radicalismo da teologia mística de Zinzendorf, principalmente no que concerne ao quiliasmo, Bengel acaba rompendo com os morávios com quem até então mantinha relações cordiais, embora continue enfileirando com os pietistas segundo a linha de Francke. Todavia embora advogando a bandeira do pietismo tradicional, as pesquisas exegéticas de Bengel relativas ao Novo Testamento o colocaram em rota de colisão não só com os exegetas mais ortodoxos, mas também com os próprios pietistas depois que começou a questionar a autenticidade dos textos e o princípio da inerrância, embora não negasse a harmonia conceitual das Escrituras.

O pensamento teológico de Schleiermacher (1768 – 1834) também bebe muito das fontes pietistas apesar de buscar uma solução inteiramente original para responder aos desafios do iluminismo e do deísmo e nesse sentido seu posicionamento não se difere muito da de um apologeta como Arndt ou Calov (aliás, para Paul Tillich, *Sobre a Religião* nada mais é do que uma obra de teologia apologética) [17]. Ele tem de lidar, de um lado, com o ataque da filosofia racionalista e cética que galvanizava a elite intelectual e atribuía a Igreja uma condição de agente do obscurantismo e da ignorância. Do outro lado, a crítica exegética da Bíblia que ao procurar reduzi-la à categoria de documento histórico, lançava novos questionamentos sobre o processo de redação, datação e circunstâncias da redação, que embora não conseguisse responder, por outro lado não se poderiam mais ignorar. Todavia porém, um fator irá de certo modo ajudar o teólogo na busca de algumas respostas que pudessem, senão responder, mas pelo menos contribuir para a efetiva contextualização da Igreja na realidade histórica do seu tempo. O Romantismo que desponta ainda durante o tempo em que Schleiermacher estuda em Halle. Ao buscar revalorizar a tradição, o romantismo europeu em geral e o alemão em particular, vão buscar sua inspiração na mística medieval como instrumento de intuição do infinito, e por conseguinte, de reencontro com o Sagrado. Embora, como observou Paul Tillich, o movimento romântico substituísse a religião pela intuição estética como forma de contemplar o transcendente [18], por outro, é inegável que ao fazer isso ele trazia o homem de volta a uma esfera de dependência e consciência da transitoriedade humana e conseqüente limitação de todo o aparato especulativo da razão para explicar a efetiva condição humana. Além disso, ao perceber que o passado também construía seu conceito de revelação na História por meio dos símbolos, e a religião era um deles, o romantismo admitia que o passado tinha uma contribuição exponencial para dar ainda à História humana já que também ali aparecia o conceito implícito de revelação com toda a sua simbologia carregada de intuições místicas. A relação que a teologia protestante passaria a ter com a arte e com o passado seriam filtradas por Hegel, na Filosofia, e por Schleiermacher na Teologia como ponto de partida da busca de uma nova identidade humana, onde, sem ignorar as reflexões dos iluministas, na verdade pretendia ultrapassá-las. Essa tarefa será ainda mais estimulante se considerarmos que desde a erosão do edifício teológico tomista, implodido por Lutero e pela Reforma, nenhuma síntese havia conseguido se estabelecer no âmbito da Teologia em geral e na protestante em particular. Era evidente que Schleiermacher tinha a intenção em sua obra de fazer essa síntese. E para fazê-lo, não lhe faltavam elementos favoráveis. Por ser um egresso do Pietismo, estava em contato com a Teologia mística de Spener, Francke e dos hinaristas alemães dos séculos XVII e XVIII. Pelo seu interesse pela Hermenêutica e pela Exegese, estava a altura de responder aos ataques dos racionalistas que usavam essas

ferramentas em seu ataque à Bíblia. Finalmente, sua formação e profissão pastoral o colocavam em contato com a igreja e estava consciente, portanto, da necessidade de ela contextualizar-se.

### **Johann Albrecht Bengel (1687 - 1752)**

Mas a maior contribuição de Schleiermacher para o debate aberto pelo iluminismo e que adquiriu novas dimensões com o romantismo (e nesse caso estou pensando no romantismo alemão, muito mais sensível às questões filosóficas do que o francês, por exemplo) é a discussão sobre a questão e o papel do sentimento na experiência religiosa. O deísmo e o iluminismo criaram um abismo separando o homem de Deus, mas o próprio condicionamento de um princípio de todas as coisas denota a necessidade de estarmos em permanente contato com esse elemento, e de nos relacionarmos com ele. Daí que para Schleiermacher a questão fundamental da sua teologia seja compreender essa necessidade de transcendência entre o sujeito e o objeto. O termo sentimento não soa bem dado a sua conotação psicologista, mas a despeito disso ele transmite a mesma idéia que, por exemplo, a da intuição do universo de Paul Tillich. Deus não está abscôndito mas está ao alcance e se revela por meio dessa transposição do transcendente, do sujeito e o objeto que é o fundamento da existência. É bem verdade que ao definir a experiência da fé como sentimento, Schleiermacher acabou causando um estrago bem grande à própria teologia e a vida religiosa que passou a ser tratada, especialmente na ciência, como uma forma de fuga da realidade. Contudo, Paul Tillich que também censura o teólogo berlinense por aplicar esse termo, reconhece mais adiante que a ambigüidade do termo sentimento não permite a sua supressão pura e simples. *Ninguém talvez pode excluir o sentimento das experiências em que nos envolvemos pessoalmente, e talvez mais em religião do que em qualquer outro terreno. É claro que o repouso de nosso ser inteiro em termos de imediatez – que talvez seja a melhor definição de sentimento – possa ser visto numa oração fervorosa ou numa reunião de culto em nossa comunidade, ou ainda ao ouvirmos a palavra profética. O elemento emocional se faz presente nesses momentos. (...) reconhecemos, no momento em que somos emocionalmente tocados, certa dimensão da realidade que jamais perceberíamos de outra forma, ao mesmo tempo, também, certa dimensão em nós mesmos que jamais alcançaríamos a não ser por meio dessa participação no quadro [19].*

Assim, a despeito das conclusões totalmente distintas de sua teologia, o elemento sentimental que aparece na obra de Schleiermacher consegue ainda preservar a ponte que o liga ao pietismo mais místico de Spener e dos místicos alemães do século XVII.

## Kierkegaard e o pietismo

O pietismo, como já vimos, chegou à Escandinávia no começo do século XVIII sendo recebido a princípio com reservas na Dinamarca enquanto na Suécia (que nesse tempo abrangia também a Noruega) era perseguido ferozmente. No entanto, com a criação da Missão Halle-Dinamarca em 1706, pode se dizer que a situação dos pietistas nesses dois países melhorou significativamente na medida em que o governo de um deles passou a apoiar integralmente um empreendimento missionário com indelével influência pietista. E de fato, pelo menos na Dinamarca, o pietismo se torna muito mais presente na vida religiosa e social do país a partir desse momento, acentuando-se ao ponto de se estabelecer, como nos territórios luteranos alemães, a dualidade entre a igreja territorial e institucional e os conventículos pietistas. Essa influência do pietismo na sociedade dinamarquesa foi, como na Alemanha, muito mais acentuada nas classes médias e na burguesia que se fascinaram com a mensagem de austeridade e frugalidade dos pietistas, especialmente sob a versão de Francke, de maneira tal que o termo pietismo adquiriu nessas regiões a conotação de perfeccionista. Contudo, a influência mais poderosa do pietismo dinamarquês é aquela que se faz sentir na vida e especialmente na obra do seu maior representante, o filósofo Sören Kierkegaard.

*O pietismo, como diz Ricardo Quadros Gouveia, foi um importante formador do pensamento de Kierkegaard. Ele foi exposto às idéias pietistas desde que era menino e seu pensamento sempre carregou as cores de uma formação pietista [20]*

Spener, Francke e Zinzendorf foram muito lidos por Kierkegaard, mas sua maior influência foi a do místico pietista Christian Scriver cuja obra passou a ler a partir de 1850. A obra de Scriver exerceu sobre Kierkegaard uma influência muito mais poderosa em sua concepção pietista de fé e vida cristã do que a dos seus famosos mentores.

**SCRIVER** – Christian. Nasceu em Rendsburg em 02 de janeiro de 1629 e morreu em Quedlinburg em 05 de abril de 1693. Estudou em Rostock, cuja universidade foi um dos principais centros irradiadores do pietismo no báltico e em 1653 foi designado pastor em Stendal, transferindo-se depois para Magdeburg para assumir a Igreja de S.Tiago onde vive até 1690 quando recebe uma nomeação para a capelania do tribunal de Quedlinburg onde viveu os últimos anos. Apesar de se declarar ortodoxo, seus escritos estão recheados daquela terminologia mística que é tão comum no pietismo do século XVII especialmente o *Seelenschatz* (Tesouro da Alma), escritos devocionais publicados entre 1675 e 1692.

## **Hans Adolph Brorson (1694 - 1764)**

Apesar de August Hermann Francke ser talvez o nome mais popular do pietismo alemão na Dinamarca, suas implicâncias com questões de somenos importância, como por exemplo a dança despertou profundas resistências em Kierkegaard. O pietismo kierkegaardiano é quase tão místico quanto o de Zinzendorf embora não caminhe pelos mesmos extremos, o que explica a sua predileção por autores que dialogam com a alma como Scriver, e no âmbito dinamarquês, Hans Adolph Brorson, talvez o maior expoente do pietismo dinamarquês do século das luzes. Brorson tem na hinologia dinamarquesa a mesma importância que Paul Gerhardt na alemã e Charles Wesley na inglesa.

**BRORSON** Hans Adolph. Nasceu em Randerup em 20 de junho de 1694 e morreu em Rupe em 03 de junho de 1764. Exerceu todo seu ministério pastoral na Jutlândia no norte da Dinamarca sendo em 1741 designado bispo de Rupe. Como Gerhardt, viveu imensos sofrimentos (morte da primeira esposa, enlouquecimento de um dos filhos, etc) período em que compôs a maioria dos seus hinos entre os quais *A Jóia rara da fé, Eis uma noiva vestida de branco e Aqui vai ficar em Silêncio*, todos clássicos da hinologia luterana dinamarquesa. *Todo ano*, diz Marie Thusstrup citada por Ricardo Gouveia, até cerca de 1850, Kierkegaard retornava aos hinos de Brorson como expressões da verdadeira piedade, adoração do Jesus sofredor, humildade e fé. Brorson foi quem ajudou a formar a idéia da imitação de Cristo em Kierkegaard [21].

## **Pietismo e pentecostalismo**

O processo que culminou no advento do movimento pentecostal no começo do século XX está intimamente ligado ao pietismo, como bem reconhece Isael de Araujo [22]. Contudo, essa influência não diz respeito apenas ao pietismo norte-americano, mas também ao escandinavo que é intrínseco àquele, influencia-o poderosamente. Contudo, quando falamos do pietismo escandinavo não estamos falando do pietismo dinamarquês herdeiro direto do pietismo alemão, mas sim, do sueco-norueguês. Conhecer o desenvolvimento do pietismo nesses dois países [e de fundamental importância já que é deles que saem a maior parte dos missionários que iniciarão a obra pentecostal no Novo Mundo e também nas terras brasileiras.

A insólita geografia e clima da Noruega possibilitaram o surgimento de várias comunidades cristãs autóctones que em pouco tempo desenvolveram formas eclesiais bastante autônomas em relação às igrejas territoriais que, como na Alemanha e Dinamarca, estava totalmente divorciadas e alienadas das necessidades espirituais e sociais dessas comunidades. O pietismo norueguês tem assim uma

dupla importância eclesial e histórica. Ele reaviva a igreja escandinava alcançando também a Suécia a quem se unia pela União de Kalmar (1814), e também possibilita a popularização da obra e do pensamento de Kierkegaard para o qual facilitara em muito o seu parentesco pelo pietismo dinamarquês. Assim, foi o pietismo – e nesse caso o pietismo norueguês – quem abriu caminho para a descoberta e o reconhecimento da obra e do pensamento de Kierkegaard como filósofo e como pensador cristão, embora num primeiro momento apenas aquelas obras de caráter mais devocional tenham sido mais enfocadas, como *As Obras do Amor* (1847), que como *O Peregrino* de John Bunyan (século XVII) na tradição puritana, se converteu no devocional por excelência dos pietistas escandinavos. Em segundo lugar, o pietismo escandinavo possibilitará o despertar espiritual dessas comunidades e abrirá caminho, especialmente no fim do século XIX, para o surgimento do movimento pentecostal, a partir das experiências eclesiais das comunidades tocadas pelo avivamento e situadas ou a jusante ou inteiramente fora dos dispositivos oficiais das igrejas territoriais. Daí porque o Pentecostalismo surge com essas características de autonomia eclesial e busca constante pelo devir espiritual, porque sendo movimento independente não podia ser restringido pelas autoridades eclesiásticas, tal como fora o próprio pietismo, podendo até ser asfixiado nas comunidades luteranas. Por outro lado, a busca pelo devir espiritual no contexto secularizado e quase pagão do protestantismo do século XIX, significava quase uma irrupção, razão pela qual o pentecostalismo manterá distância das formas mais sofisticadas de fazer teológico, distância essa que evoluirá para o preconceito e por fim para o antinomismo, tal como na experiência pentecostal brasileira.

### **Hans Hauge (1771 - 1824)**

O pietismo sueco-norueguês tem também como pontos de partida os pais pietistas alemães e dinamarqueses mas suas características autóctones se desenvolveram a partir da primeira metade do século XIX por meio do ministério de pregação de Hans Hauge, passando pelo congregacionalismo, principalmente o de vertente batista. Tendo passado por uma experiência de conversão em 1796, Hauge (1771 – 1824) passou a pregar uma mensagem de exortação em toda a Noruega, capturando o profundo descontentamento do povo com os rumos da Igreja Oficial e exortando o ministério leigo a exercer de fato a plenitude de suas atribuições. Em seu radicalismo não poupava nem mesmo os ricos, todos deveriam viver de acordo com os preceitos bíblicos e direcionarem suas existências soberanamente para o ministério da pregação e da salvação das almas. A reação do clero luterano local foi particularmente severa: o próprio Hauge foi preso várias vezes e enquadrado na lei contra a vadiação numa repetição do que se fizera na Inglaterra com os pregadores

itinerantes de Wesley e até 1814 foi presença constante nos tribunais noruegueses (e isso não obstante o próprio Hauge afirmar que o ócio era uma forma de licenciosidade que convertia-se em pecado, e para dar o exemplo empreendeu diversos negócios abrindo uma fábrica de papel e uma loja em Bergen e por fim trabalhando nas fazendas das comunas rurais). Quanto ao ministério leigo, o clero local usou toda a sorte de medidas coercitivas desde a aplicação de multas até a obrigação dos pais de levarem seus filhos à confirmação mesmo que não fossem partícipes da vida religiosa da igreja local, ou mesmo que fossem freqüentadores dos cultos. Apesar das perseguições e do progressivo afastamento de Hauge do ministério evangelístico em decorrência dos problemas de saúde que herdara da prisão, e que certamente contribuíram para apressar a sua morte, em 1824, o movimento haugiano sobreviveu e influenciou de forma indelével os movimentos de santidade que surgiram na Escandinávia e mais tarde nos EUA com a imigração. Esses movimentos de santidade são a base eclesial e mística do pentecostalismo moderno.

*Os haugianos, segundo Ricardo Quadros Gouveia, rejeitavam a noção de um clero organizado e foram repetidamente perseguidos pelas autoridades da igreja oficial, perseguição [que] longe de abafar seu zelo, fez com que afirmassem ainda mais categoricamente seu rústico individualismo nórdico, ainda mais fortalecido pelo clima severo e a difícil geografia da Noruega [23].* Foi o movimento haugiano e especialmente o sucessor de Hans Hauge, Gustav Adolf Lammers (1802 – 1878) quem identificou as influências pietistas nos escritos de Kierkegaard e praticamente adotou a sua obra como o grito de um profeta. Foram os pietistas haugianos que transformaram a obra kierkegaardiana, especialmente *As Obras do Amor*, num verdadeiro best seller nos países escandinavos bem antes da morte de Kierkegaard, em 1855. *Entre os escandinavos que migraram para o norte dos Estados Unidos, comenta Álvaro L M Valls, muitos levaram essa obra de quatrocentas páginas, que liam à noite como se fosse uma espécie de Imitação de Cristo [24].* O haugianismo é dessa forma a ponte que estabelece a ligação entre o pietismo dos séculos XVII e XVIII e os movimentos de santidade que desaguam no pentecostalismo do século XX.

Com as igrejas independentes que começaram a surgir graças à influência do movimento haugiano, é fácil entender como o modelo congregacionista inspirado principalmente pelas igrejas batistas fosse se adaptar às condições sociais e geográficas da região escandinava já que como no haugianismo, esses grupos têm como uma das suas características a fuga das organizações eclesiásticas formais. Desse modo, o congregacionismo se impôs nas difíceis condições escandinavas como um sistema que possibilitava não só a organização de tantos grupos dispersos numa organização ampla, embora mais flexível que a das igrejas territoriais, como também a

sua multiplicação sem o enrijecimento institucional do protestantismo territorial, disseminando-se ali bem como nos EUA em decorrência da imigração. *Um senso de elitismo espiritual levou os pentecostais a condenarem como mortas as igrejas históricas. Unidades locais foram fundadas em cenáculos ou tabernáculos, sob a liderança carismática de evangelistas itinerantes, anunciando o evangelho completo do pentecostalismo. Esses crentes viam suas igrejas como a restauração da fé e prática do Novo Testamento, fundamentando-se somente na Bíblia. Eles persistentemente desconfiavam dos sistemas eclesiásticos, da institucionalização. Alguns até mesmo exageravam em recusar a organização, dar um nome á igreja ou ter um rol de membros* [25] A imprecisa designação "modelo escandinavo" [26] que Isael Araujo usa para designar o pentecostalismo nesses países nada mais é do que o congregacionalismo trazido pelo calvinismo reformado francês e que nas condições especiais da Escandinávia, mais tarde reproduzidas nos EUA, desenvolveu-se de forma espetacular. O pentecostalismo escandinavo não se organiza como uma denominação mas fortalece a idéia da igreja local como organização autônoma e independente das demais. Nesse sentido, o pietismo escandinavo vai além do pietismo alemão e dinamarquês já que ele ultrapassa os limites eclesiais, deixando de ser um movimento interno da igreja para assumir uma total autonomia orgânica.

Contudo, apenas o congregacionalismo herdado do pietismo haugiano não é o suficiente para explicar o desenvolvimento do movimento pentecostal quer nos EUA ou no Brasil. Como já vimos, Spener dava muita importância ao sacerdócio universal de todos os crentes. O pentecostalismo leva essa recomendação aos mais derradeiros extremos. Um artigo de Aldo Peterson ilustra, a meu ver de forma brilhante, esse pensamento:

*Sendo os membros nascidos de novo, há uma comunhão maravilhosa na igreja. então os crentes crescem para uma união perfeita e inseparável e a igreja não precisa procurar organizar-se em grupos de sociedades de moços e moças e senhoras, pois todos tem alegria e satisfação na igreja que não é uma organização, mas um organismo. (...) todos os membros do corpo de Cristo devem ser ativos. (...) Deus quer usar tanto os ricos como os pobres e os que se sentem fracos em si mesmos. Ele os toma como instrumentos em suas mãos e faz dos que parecem ter menos valor, colunas do seu templo, na sua igreja. Irmão, você é um membro ativo do corpo de Cristo? está trabalhando para ganhar almas para Cristo? então receberá o galardão quando o Mestre vier. Cristo é a cabeça da igreja e Ele quer dirigir e corrigir o corpo dando-lhe força suficiente para o serviço na sua seara* [27].

E ainda há mais: o pensamento de Spener de que o cristão deve ser completamente separado do mundo, especialmente dos seus vícios

**[28]** é muito observado na vida e eclesiologia pentecostal. *Quem é meu irmão?* Pergunta o pastor Bruno Skolimowski da AD paulistana em 1931. *É aquele que ama o fumo, a cerveja e o vinho? Não! É aquele que conversa muito e diz muitas palavras inúteis? Não! Nossos irmãos são os que andam nos caminhos do Senhor com toda a verdade e sinceridade* **[29]** *Necessitamos pedir a Deus bastante graça.* Reconhece Nils Taranger, da AD gaúcha. *Graça para resistirmos à onda de dúvidas que surgem para derrubar a fé de nossa juventude, através do rádio, televisão, literatura e outros instrumentos* **[30]**

Mas ao contrário do perfeccionismo de Zinzendorf, o pentecostalismo entende essa renúncia ao mundo como decorrente da transformação interior do crente, da sua maturidade e responsabilidade. Nesse ponto, o pietismo dialoga muito com o arminianismo já que ambos entendem a responsabilidade cristã em termos de atitude para com sua salvação, o testemunho interior que denota amplamente e afirmativamente a nossa condição de salvos. A união mística com Deus (novo nascimento) também é colocada pela teologia pentecostal por meio do magistério de seus líderes e com o abundante uso da terminologia mística pietista. *O que se humilha será exaltado, e o que se exalta será humilhado. Oh! Como desejo ser humilde, semelhante a Ele!* Grita o pastor Skolimowski **[31]**. *Tu que és chefe do lar, homem ou mulher, inquire Emílio Conde, o anjo te pergunta se Cristo vive aqui. Não escondas as faltas, as mazelas, não digas que tem uma Bíblia, que fazes oração, ou que obrigas os teus filhos a ir à Escola Dominical. O anjo não trouxe o encargo de ouvir o relatório com o qual procuras dar uma resposta velada ao mensageiro do céu. O anjo pergunta se Cristo vive aqui, deseja saber se Cristo é hóspede aqui, interessa-lhe anotar qual o lugar que Jesus ocupa neste lar. Que tristeza, amigos, um lar que se diz cristão e não ter Cristo vivendo, morando e reinando ali* **[32]**. Finalmente, temos a questão escatológica. Assim como Spener dialoga com a escatologia e vê o seu tempo às fronteiras da Parousia, entendendo a ação dos eventos históricos como sinal indicativo e indelével do final dos tempos segundo o que fala o próprio Espírito Santo pelo testemunho interior do crente **[33]**, o pentecostalismo também vê o processo histórico pelas luzes do dispensacionalismo. Para Emílio Conde, a história se divide em três eras, a dispensação do Pai, que abrange o Antigo Testamento; a do Filho que vai de Mateus ao Pentecoste, e a do Espírito Santo em diante. **[34]** E para Alice E Bruce a volta dos judeus à Palestina é sinal indicativo e evidente de que a figueira está brotando, mostrando claramente que a vinda de Jesus está próxima **[35]**.

**Universidade de Halle, 1836.**

## **Conclusão**

O pietismo começou como um movimento de reforma dentro da Igreja Luterana, mas adquiriu tal dimensão que hoje pode ser encontrado em praticamente todas as tradições protestantes e no movimento pentecostal. Suas influências também podem ser facilmente identificadas na arte. A música de Bach e de Handel (que estudou Direito em Halle) com sua dimensão espiritual, está entre os tesouros da música sacra alemã e são sem dúvida patrimônio da igreja evangélica. Halle proporcionou uma reforma radical no ensino não somente teológico mas da própria universidade como tal, estabelecendo as bases de um ensino com sólida ética cristã. O pietismo também exerceu influência duradoura e dominante na política fortalecendo o estado prussiano e, em última análise, abrindo caminho da unificação da Alemanha sob a égide da Prússia. Se for certo falar que Hegel moldou a consciência intelectual da mocidade e restabeleceu os fundamentos da metafísica e por meio dessa, a união sacra entre a Filosofia e a Teologia, rompendo assim o iluminismo dos enciclopedistas e dos deístas, por outro não é menos verdade que o pietismo deu a base moral para alicerçar os fundamentos da nação alemã, impulsionando e prestigiando o desenvolvimento das atividades econômicas e restabelecendo o papel da igreja como parte da vida social e existencial depois dos ataques desferidos pelo deísmo, fortalecido pela barbárie das guerras de religião. O progresso vivido pela Alemanha nos séculos XIX e XX é legado direto do pietismo. Finalmente, o pietismo abriu caminho para o movimento missionário moderno, que é, sem dúvida, o maior e o mais importante legado desse despertar que ainda hoje, o que mais se ajusta as necessidades da igreja em nosso presente.

## **NOTAS:**

[1] NETO Luiz Longuini. O Novo Rosto da Missão, p. 68.

[2] WEBER Max. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo, p. 103.

[3] LELIÉVRE Mateo. João Wesley sua vida e obra, p. 53 – 55.

[4] Ibidem, p. 69.

[5] Ibidem, p. 69.

[6] BUYERS Paul Eugene. História do Metodismo, I, 4.

[7] Como se vê em *Mudança para o Futuro (Pia Desidéria)*, p. 76: *quanto mais um cristão piedoso avança em seu caminho, tanto mais percebe o quanto lhe falta. Ele tanto mais se afastará da ilusão da perfeição quando mais se ocupar dela com diligência. (...) temos que nos preocupar muito mais com aqueles que pensam que já alcançaram a perfeição do que com aqueles que têm se esforçado e se empenhado nela.*

[8] Ibidem, p, ob cit, p. 92.

[9] MOLTSMANN Jürgen, *O Espírito da Vida*, p. 163 – 165.

[10] BUYERS ob cit, I, 4.

[11] WESLEY John. *Sermões*, p. 21.

[12] Ibidem, p. 22

- [13] Ibidem, p. 22  
 [14] Ibidem, p. 24  
 [15] Ibidem, p. 27-28  
 [16] MOLTMANN Jürgen, ob cit, p. 162.  
 [17] TILLICH Paul. *Perspectivas da Teologia Protestante*, séculos XIX e XX, p. 117.  
 [18] Ibidem, p. 106.  
 [19] Ibidem, p. 125.  
 [20] GOUVEIA Ricardo Quadros. *Paixão pelo Paradoxo*, p. 136.  
 [21] Ob cit, p. 139.  
 [22] ARAUJO Isael. *Dicionário do Movimento Pentecostal*, p. 586.  
 [23] GOUVEIA, ob cit, p. 64.  
 [24] KIERKEGAARD Sören. *As Obras do Amor* (introdução), p. 12.  
 [25] ARAUJO, ob cit, p. 366.  
 [26] Ibidem, p. 573.  
 [27] *Mensageiro da Paz*, Artigos Históricos, vol.1. A Igreja de Cristo, um corpo. Março, 1935, p. 142 – 143.  
 [28] SPENER Phillip Jacob, ob cit, p. 51.  
 [29] *Mensageiro da Paz*, ob cit, vol.1. Quem são os meus irmãos? 2º quinzena, outubro, 1931, p. 113.  
 [30] Ibidem, vol.2. A Bíblia, Instrumento Ideal para a Juventude, novembro, 1968, p. 146.  
 [31] Ibidem, vol. 1. A Graça nos Lábios. Som Alegre, fevereiro, 1930, p. 35.  
 [32] Ibidem, vol. 1. Cristo vive aqui? 1º quinzena, dezembro, 1940, p. 184.  
 [33] SPENER Phillip Jacob, ob, cit, p. 72.  
 [34] Ibidem, vol.1, Em que dispensação vivemos? Som Alegre, março, 1930, p. 54.  
 [35] Ibidem, vol. 1. A Palestina Hoje. 1º quinzena de fevereiro, 1941, p. 187.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

- ARAUJO** Isael. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro, CPAD, 2007.  
**BUYERS** Paul Eugene. *História do Metodismo*. S.Paulo, Imprensa Metodista, 1945.  
**GOUVEIA** Ricardo Quadros. *Paixão pelo Paradoxo, uma introdução à Kierkegaard*. S.Paulo, Fonte Editorial, 2006.  
**KIERKEGAARD** Sören. *As Obras do Amor*. Petrópolis, Vozes; Bragança Paulista, Editora Universitária S.Francisco, 2005.  
**MENSAGEIRO DA PAZ**. Artigos Históricos, vols 1 e 2. Rio de Janeiro, CPAD, 2004.  
**MOLTMANN** Jürgen. *O Espírito da Vida, uma pneumatologia integral*. Petrópolis, Vozes, 1999.  
**SPENER** Phillip Jacob. *Mudança para o Futuro (Pia Desidéria)*. Curitiba, Encontrão Editora, 1996.  
**TILLICH** Paul. *Perspectivas da Teologia Protestante, séculos XIX e XX*. 3.ed. S.Paulo, ASTE, 2004.  
**WESLEY** John. *Sermões*, vol.5. S.Paulo. Cedro, 2000

**Prof. Edson Douglas de Oliveira**

<http://comunidadewesleyana.blogspot.com.br/>

(Autorizado).